



Crédito: Keven Cobachini - Fotos Públicas

ESTUDANTES CRIAM CONVERSOR PARA TEXTOS EM BRAILLE

Os alunos Lucas Y., Matheus O. e Rafael A., todos de 13 anos e estudantes do Colégio Vital Brazil, em São Paulo, criaram um aparelho que transforma textos do português para o braille — o principal sistema de escrita usado por pessoas que possuem deficiência visual. Esse sistema é formado por bolinhas em relevo que criam palavras, números e símbolos reconhecidos a partir do tato. O projeto foi apresentado pelos jovens em uma competição da escola e premiado na categoria ensino fundamental, em outubro.

Para transformar textos (escritos em computadores) do português para o braille, o aparelho dispõe de um programa específico que recebe comandos em um sistema chamado **Código Morse**. Após ser registradas nesse código, as palavras são traduzidas por 12 pinos, que sobem e descem formando as frases em braille em relevo. Além disso, o invento produz uma versão do texto em áudio.

Mais acessibilidade

A ideia surgiu quando os três estudantes perceberam que muitos livros não têm adaptações para o braille e que os que têm costumam ser caros. "Pensei em uma forma de levar a leitura até as pessoas com deficiência visual para elas não ficarem limitadas somente às obras feitas com adaptação ao braille", conta Matheus, um dos criadores.

O projeto ainda está em fase de testes, mas, de acordo com Matheus, a ideia é que o conversor seja oferecido em escolas e bibliotecas para contribuir para a alfabetização e a leitura de quem possui deficiência visual. "Nós já temos pessoas que vão testar se os pinos estão no tamanho ideal", explica. O material também ficará disponível para que crianças com deficiência visual e seus pais possam fazer testes.

GLOSSÁRIO

CÓDIGO MORSE: é um sistema em que cada letra, número ou símbolo é representado por uma sequência de traços, pontos e espaços. Ele foi criado em 1835, nos Estados Unidos, para facilitar a comunicação a distância e utilizava um aparelho chamado telégrafo para transmitir os códigos.

Por Helena Rinaldi

Na manhã de 9 de fevereiro, dois aviões da Força Aérea Brasileira pousaram na Base Aérea de Anápolis, Goiás, trazendo 34 pessoas (23 brasileiros adultos, sete crianças e quatro chineses casados com brasileiros) de Wuhan, na China, cidade onde o surto de coronavírus começou (saiba mais na edição 142 do *Joca*). Todos os que estavam a bordo — incluindo tripulação e médicos — ficarão por 18 dias no local em quarentena (isolamento temporário até que fique comprovado que nenhum deles está infectado).

Durante esse período, cada pessoa passará por exames médicos três vezes ao dia. A quarentena será dividida em: branca, para aqueles que não parecem infectados; amarela, se alguém apresentar sintomas; e vermelha, se pessoas precisarem de atendimento médico — neste caso, elas serão transferidas para o Hospital das Forças Armadas, em Brasília.

Até o fechamento desta



edição, nenhuma das pessoas em quarentena apresentava sintomas do coronavírus.

Outras ações do governo

Durante coletiva de imprensa realizada em 30 de janeiro, em Brasília, representantes do Ministério da Saúde afirmaram estar preparando mil novos leitos em hospitais públicos, que devem ficar prontos até março, caso seja preciso atender infectados. O secretário executivo do ministério, João Gabbardo, disse que o número de leitos pode aumentar, se necessário.

Além disso, foi ativado um grupo de trabalho para que representantes de vários ministérios — como o da Defesa e o do Desenvolvimento — trabalhem juntos caso o vírus chegue ao Brasil.

TIRE SUAS DÚVIDAS

O *Joca* entrevistou Atila Iamarino, biólogo, doutor em microbiologia e divulgador científico, para responder dúvidas sobre o coronavírus.

Como é possível evitar a doença?

Devemos fazer o mesmo tipo de prevenção que se faz para a gripe: lavar bem as mãos com sabonete e água [com frequência]. Nas regiões afetadas, onde o coronavírus está circulando, também é bom usar máscara descartável respiratória para evitar o contato com ele.

É verdade que o clima quente do Brasil não favorece o coronavírus?

Tudo indica que esse vírus pode se beneficiar do frio para se espalhar. Mas alguns casos já surgiram em países quentes. Ainda não sabemos se o coronavírus se espalharia a ponto de causar uma epidemia séria nesses lugares, mas algum contágio pode, sim, ocorrer no clima mais quente.

Qual é o risco de morte pelo coronavírus?

A quantidade de pessoas que morrem por causa do vírus é bem baixa em comparação com o número de infectados. Ou seja, a maioria consegue ficar bem após o tratamento. O problema é que ele faz com que muita gente seja internada ou precise de atendimento, o que aumenta a chance de contágio em hospitais.

Fontes: Escazão, Estado de Minas, Folha de S.Paulo e Ministério da Saúde.